

REDEFININDO O SENTIDO DE AÇÃO CLÍNICA EM PSICOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE

Celina Maria Aragão Ximenes
(UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco)
Henriette Tognetti Penha Morato
(USP – Universidade de São Paulo)

Resumo

Este artigo pretende suscitar reflexões que permitam ao psicólogo clínico elucidar sua práxis junto a pessoas por ele assistidas, destacando seus predominantes modos de intervenção nesse contexto. Inspirados em alguns estudiosos do comportamento humano e em cientistas sociais, procuramos descrever sucintamente a expressiva crise que marca a contemporaneidade e, com isso, resgatar a noção de ser no mundo presente na clínica psicológica a partir da *Daseinsanalyse*, ao tempo em que apontamos uma estratégia de intervenção que viabilize um redimensionamento desta. Destacamos como elemento basilar dessa proposta, a necessidade de mudança de atitude do profissional como um caminho necessário e possível. Entendemos que ações clínicas apresentadas por esse profissional estejam consolidadas na sua mais efetiva experiência imediata enquanto ser de angústia.

Palavras-chave: sentido; ação clínica; psicologia; contemporaneidade.

Abstract

Redefining the Meaning of Action Clinical in Psychology in the Contemporary

This article wishes to elicit reflections that they allowing at the clinician psychologist elucidate their praxis together with the people for assisted him, highlighting their predominant modes of intervention in that context. Inspired in some scholars of human behavior and in social scientists, we search to describe succinctly the crisis expressive that marks in the contemporary and with that rescue the notion of be in the world current in the psychological clinic from the Daseinsanalysis at the same time that we point an intervention strategy that it becomes feasible a possible resizing this. We highlight as base element of this proposed, the need of change attitude of the professional as a necessary way and possible. We understand that clinical actions presented by that professional is consolidated in their most effective immediate experience while be of anguish.

Keywords: meaning; action clinical; psychology; contemporary.

Introdução

O contato com o humano na clínica psicológica tem nos levado a refletir acerca do nosso fazer de ofício, momento em que

somos instigados a elucidar a especificidade desse contexto na contemporaneidade. Tocados por tamanha inquietude, encontramos-nos mais e mais diante de outro que comumente demonstra enorme dificuldade de lidar com o sofrimento vivido. Negando a sua condição mais própria, observamos que esse outro, de um lado, tenta insistentemente dominar o mundo, as coisas, os fatos, as pessoas, e, sobretudo, a si mesmo; ou de outro, encontra-se inteiramente avesso à realidade. Assumindo uma ou outra atitude diante da vida, esse outro parece perder-se a si mesmo. Percebemos que o mundo que lhe é constitutivo torna-se, assim, um mero espaço onde coisas e fatos simplesmente se dão, onde ele tende a experienciar o estreitamento da vida, limitado aos expressivos automatismos, evidentes nas relações humanas na família, no trabalho, na política, na religião, dentre outros contextos.

Entendemos que a clínica psicológica, em sua acepção mais própria, parece encontrar-se destituída de sentido. As muitas teorias e técnicas psicológicas, comumente utilizadas nesse contexto, parecem não dar conta dessa realidade, e nesse sentido, talvez precisemos abalar as estruturas que, até então, têm dado sustentabilidade à clínica psicológica. Pautados no modelo das assim

denominadas “ciências naturais”, insistimos em assumir uma pretensiosa atitude, responsável pelos inúmeros desencontros que comumente marcam o nosso fazer clínico. No âmbito da clínica psicológica, tradicionalmente concebemos o outro como objeto de estudo e investigação. Nesses termos, é preciso que conheçamos o outro, do ponto de vista teórico, objetivo, para daí intervirmos tecnicamente sobre ele, lançando, assim, pretensas propostas de “cura”, “bem estar”, “equilíbrio emocional” etc.

Em meio a esse estado de inquietude, uma questão nos convoca: qual o sentido da clínica psicológica na contemporaneidade? Dentre as inúmeras possibilidades de entendimento do sujeito nesse contexto, como podemos melhor compreendê-lo em seu sofrimento? Como tem sido a nossa implicação com esse outro que, sofrendo, solicita-nos uma atitude clínica?

De modo a percorrermos a nossa questão, recorreremos a leituras de alguns estudiosos no âmbito das ciências exatas, psicológicas e sociais – a exemplo de Capra, Prigogine, Figueiredo, Birman, Bauman, bem como a escritos de Heidegger, Pompéia, Serres, em meio a outros - que parecendo melhor traduzir a situação por nós experienciada enquanto psicólogos clínicos, muito contribuem na

compreensão de nossa temática. Na tentativa de permitirmos ao leitor uma maior proximidade com a questão abordada, em momentos, utilizar-nos-emos de linguagem metafórica, entendendo ser esta um modo particular de traduzirmos as muitas experiências vividas por nós humanos.

O Sofrimento Humano na Contemporaneidade

Pensar a contemporaneidade que marca o mundo ocidental constitui, atualmente, um grande desafio, pois, se por um lado exige que elucidemos a expressiva crise social, política, econômica e cultural que perpassa o nosso contexto, por outro, convoca-nos a assumir, a cada momento, atitudes outras que viabilizem o aflorar de outro sentido de mundo aos modos de subjetivação neste atual momento histórico.

Passados pouco mais que duas décadas, atestamos, com profundo pesar, a uma expressiva crise assolando o ser humano que, dilacerado, continua a lutar desmedidamente pela ânsia de mais poder, patente seja na necessidade de dominação e controle do mundo, seja na condição de luta pela sobrevivência. Em quaisquer desses extremos, de luta seguida da

destruição em massa, o homem, destituído de sentido, encontra-se, assim, fadado ao malogro, demonstrando padecer em meio ao caos.

Condenados a estados de extrema miserabilidade, decorrentes, sobretudo, do processo de exclusão social, da perda de valores éticos e morais, da desvalorização das relações interpessoais submetidas à comercialização, ao jogo de interesses comuns, encontramos-nos na condição de vítimas de nosso próprio destino, impotentes face à realidade que nos exige a adoção de estratégias rápidas e eficientes necessárias à minimização de tais conflitos.

A situação torna-se ainda mais precária, quando especialistas de diferentes áreas do conhecimento, frente a problemas urgentes que surgem em seus respectivos campos de atuação, sentem-se incapacitados de lidar com os mesmos. Nesse sentido, afirma Capra (1999) que as problemáticas emergentes nos mais diferentes âmbitos da sociedade, seja no da saúde, da educação e da economia, revelam, tão somente, facetas de uma única crise, esta que insistentemente vem sendo tratada de forma dicotômica e fragmentada pelas instituições acadêmicas e órgãos do governo.

Lançando um olhar outro sob a expressiva crise que configura a atualidade, vemo-nos diante da possibilidade de deprendermos os fundamentos que têm dado sustentabilidade ao presente cenário, a saber, o projeto epistemológico da modernidade. A falência do referido projeto, pautado no pensamento metafísico, decorre, fundamentalmente, da cisão homem-mundo proposta por Platão, e cuja máxima ganhou expressão com René Descartes (séc. XVII), momento em que a natureza humana, dotada de subjetividade, é capaz de pensar o mundo enquanto objeto. Naquele contexto, emergiu um pretensioso e equivocado modo de interpretação acerca da natureza humana e dos fenômenos constitutivos do mundo, pautados em supostas verdades – postura esta ainda vigente nos dias de hoje.

Em face de um mundo marcado, sobremaneira, por intensos e degradantes conflitos sociais, acenando para a dilaceração da condição humana, esta a vivenciar expressivas crises, sobretudo, de cunho existencial, sentimos, de algum modo, a necessidade de encontrarmos um outro modo de compreensão diante de um mundo que se nos mostra saqueado, vitimado, com o qual não estamos sabendo lidar propriamente, uma vez que permanecemos ancorados em antigos

referenciais que inviabilizam o projetar de mudanças necessárias a outras possibilidades de vida. Fadados ao malogro, encontramos-nos diante de um mundo que, de um lado, torna-se fonte de ameaça e, de outro, alvo de nosso extremo domínio.

Por outro ponto de vista, se tomamos a modernidade, conforme Bauman (1998), pautada nos ideais de beleza, pureza e ordem, esta prometera-nos libertar da identidade herdada, momento aquele em que restituiríamos o nosso lugar no mundo enquanto artífices de nossa própria história. No entanto, afirma o autor, o excesso de ordem e a escassez de liberdade, dispositivos equivocadamente utilizados em face de um novo padrão de mundo, têm acarretado grandes mal-estares em nossas vidas. O projeto moderno, delineado em meio à nossa insegurança diante do real, tratou de “expurgar” os estranhos¹, considerados fonte de ameaça para o Estado, determinante da nova ordem social. Os estranhos - desajustados aos imperativos sociais, reveladores de incertezas, testemunhos da fragilidade do mundo – passaram, desde então, a ser vistos como patologia a ser retificada. Noutros termos, uma vez responsáveis que

¹ “Pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo” (Bauman, 1998, p. 27).

são pelo comprometimento do processo natural de todas as coisas, devem ser submetidos a algumas mudanças ou quando impossível, a “aniquilação” física mesma. Utilizando-se de linguagem metafórica para expressar o processo de exclusão social, em nosso contexto, Bauman (1998) afirma que sua tarefa consiste, basicamente, em “aniquilar os estranhos devorando-os e depois, metabolicamente, transformando-os num tecido indistinguível do que já havia. [...] vomitar os estranhos, bani-los dos limites do mundo ordeiro e impedi-los de toda comunicação com os do lado de dentro” (p. 28-29).

Esse horizonte de contradições e incertezas que marca a nossa atualidade, em quaisquer dos contextos, seja na condição de “consumidores” ou de “excluídos”, sugere que experienciamos um único fato: o de nos sentirmos, em momentos, fragilizados diante do real, portanto, em situação de crise, crise de sentido face à ausência de condições mínimas de sobrevivência, ou da materialidade em demasia, concebida como fundamento da vida. Em ambos os casos, o sentimento de angústia parece acompanhar, exacerbadamente, nossas experiências, obstruindo, de alguma forma,

o real propósito de nossa condição no mundo.

Apesar de todas as adversidades que configuram a vida contemporânea, cientistas preocupados com a condição humana, como Capra, Bauman e Prigogine, testemunham o começo de um expressivo processo evolutivo, evidente no aflorar de uma nova mentalidade acerca do real. Nesse sentido, Prigogine (1996) compactuando com a crítica einsteniana dirigida à tradicional concepção de ciência², comumente entendida como a capacidade de abstração do real, intenta restituir o significado das ciências, buscando, assim, redefinir o compromisso ético do cientista na constituição de novos saberes. Desse modo, sinaliza o autor que uma vez envoltos no mistério do mundo, cumpre-nos, assim, redefinirmos nele o nosso lugar, cuidando para, de um lado, não recairmos no determinismo alienante que tudo delimita e prevê; nem de outro, no puro acaso que, tão somente, não nos permite ter uma possível compreensibilidade acerca do mundo. Noutros termos, o referido autor (1996) sugere que encontremos um “caminho

² Conforme Prigogine (1996) Einstein comparou a vocação científica ao “desejo ardente que atrai o habitante da cidade para fora de seu ambiente barulhento e confuso, para regiões tranqüilas das altas montanhas” (p. 195).

estreito” que caracterize a mediação de tais extremos, atitude necessária a um singular processo de conhecimento incrustado na incessante busca de sentido.

Nesse horizonte, restritos a uma linear, relação de causalidade, somos tentados a conceber a subjetividade humana como produtora de cultura, responsabilizando-a, unicamente, pelos percalços que configuram a nossa realidade. Contrário a tal perspectiva, Birman em “O mal-estar na atualidade”, afirma que nas últimas décadas uma nova cartografia do social tem se delineado em nosso contexto, fato este que tem acarretado não apenas uma comprometida construção da subjetividade, mas o aflorar de forjadas modalidades de subjetivação. Pautado na então denominada “sociedade do espetáculo”³, proposta por Debord, no final dos anos 60, e, na “cultura do narcisismo”, proposta por Larsch, no final dos anos 70, o referido autor (2000) descreve a sociedade pós-moderna caracterizada por um modelo de subjetividade que não mais coaduna com a de um sujeito capaz se atribuir novos sentidos a si mesmo e ao mundo.

³ Birman (2000), pautado na perspectiva de Debord, sugere que a idéia de espetáculo se conjuga aqui com as de exibição e teatralidade, pelas quais os atores se inserem como personagens na cena social. “Tratar-se-ia, antes de mais nada, de máscaras mediante as quais as personagens se inscrevem e desfilam no cenário social” (p. 187).

Acrescenta Birman (2000) que “a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica” (p. 23). Desse modo, assiste-se à degradação do desejo propriamente dito, uma vez que este é cedido em função de um individualismo exacerbado, pautado, segundo o autor, na exterioridade e no autocentramento, evidente no enaltecimento grotesco da auto-imagem – condição esta possível, face à predação do outro, tomado, tão somente, como objeto de gozo. Consequentemente, extrai-se dessa realidade, o comprometimento das relações intersubjetivas, não mais fundamentadas no afeto. O outro torna-se, assim, “anônimo sem rosto”, alvo de olhares dilaceradores do humano. “As individualidades se transformam, pois, tendencialmente, em objetos descartáveis, como qualquer objeto vendido nos supermercados e cantado em prosa e verso pela retórica da publicidade” (Birman, 2000, p. 188).

Nessa direção, a psicologia entendida como ciência natural do subjetivo, pautada no modelo das ciências naturais, portanto, no incremento do domínio técnico sobre a natureza, parece compactuar com essa mesma realidade.

Destituída de um paradigma próprio, portanto, desarticulada de seu real objeto de estudo, a psicologia parece ocupar um desconcertante lugar em meio às demais ciências, quando, mediante um atuar estritamente técnico, demonstra não atender às reais necessidades de alguém que expressivamente clama ser compreendido em suas contradições e incertezas.

De modo a transcendermos a atual crise que acompanha o universo “psi”, evidente no equivocado modo de concebermos o humano, comumente submetido a olhares psicologizantes, interessa-nos desconstruir antigos saberes que rotineiramente obstaculizam a via de acesso ao homem em seu experienciar. Portanto, investigando a subjetividade humana, Figueiredo (1996) evidencia, paradoxalmente, o emergir de um sujeito outro, inapreensível sob a ótica do “sujeito plenamente sujeito”, tal como proposto pela moderna episteme. “O psicológico se mostrará como o impensável, como o que opera no registro subterrâneo da exclusão, tanto como o excluído quanto como o excludente, vale dizer, como o que resiste ativamente a uma incorporação ao universo das identidades e representações” (p. 28-29).

Na tentativa de redefinirmos a psicologia com vistas a um fazer mais situado, talvez precisemos restituir o lugar do homem, ocasião em que nos interessa pensá-lo em íntima articulação com suas reais condições de vida de dado momento histórico. Compete-nos, assim, compreender o homem em sua concretude e historicidade, portanto, no modo como experiencia a sua realidade, marcada por paradoxos, contradições, incertezas, que margeando o seu existir, a um só tempo, fragilizam-no, irrompendo o emergir de outras possibilidades.

Reflexões acerca do Sofrimento Humano numa Perspectiva Outra⁴

A “*Daseinsanalyse*” empreendida por Medard Boss como uma nova abordagem que trata do existir humano em seus modos “normal” e “patológico” de ser, constitui uma outra via de acesso a tais fenômenos, cujo propósito consiste em “[...] ver sem deformações aquilo que se mostra a nós de si-mesmo” (Boss & Condrau, 1997, p. 26). Esse olhar outro,

⁴ Optamos pelo termo “outra” para ainda não determiná-la como afiliada a uma perspectiva conhecida, exatamente por estar em elaboração. Contudo, poderia ser dita, provisoriamente, “fenomenológica existencial”, salvo melhor juízo.

fenomenológico, permite-nos lançar luz sobre determinados fenômenos que, para nós, permanecem encobertos, destituídos de sentido.

[...] como existência humana, temos a tarefa de arrancar desta obscuridade o alcance iluminado desta clareira que é o nosso mundo [...] compreendemos um novo sentido do existir humano que é o de cumprir a tarefa de servirmos como guardiães para manter aberta esta clareira a fim de que ela possa aparecer e se desenvolver (Boss, 1997, p. 11).

Portanto, na condição de humanos, diria Heidegger (1997), não estamos no mundo como algo simplesmente dado, em meio a tantas outras coisas. Constituímo-nos em nossa primordial relação com o mundo, com algo que nos afeta, e, certamente, revela-nos um sentido. “O homem como essencial, não está presente num determinado lugar do vazio, não é objeto, mas um entendimento não substancial e não coisificado [...] entendimento estendido através de todo o alcance do que chamamos mundo” (Boss, 1997, p. 6). Assim, podemos compreender que a existência humana não se reduz aos limites de um organismo tão somente concebido como uma estrutura corporal constituída de músculos e órgãos submetidos a uma dinâmica biológica,

por outro, restringe-se a um mero psiquismo entendido, em última instância, como portador de conteúdos inconscientes, determinantes do pensar e agir humanos.

A perspectiva ontológica de cunho existencial proposta por Martin Heidegger, evidente na referida citação, inaugura na história do pensamento ocidental uma nova forma de conceber o real, irredutível à noção de verdade objetiva. O homem, na condição de existente, surge não mais como explorador do real, mas como horizonte a partir do qual todas as coisas em seu ser ganham o seu estatuto, a sua entidade, diria Heidegger.

A ontologia fundamental proposta por Martin Heidegger, assenta-se na noção de Dasein. O Dasein caracteriza-se por um estar-aí em situação, lançado no mundo para constituir-se a si mesmo, fazer seu existir. “A pre-sença nunca é ‘primeiro um ente, por assim dizer, livre de ser-em que, algumas vezes, tem gana de assumir uma ‘relação’ com o mundo” (Heidegger, 1927/1996, p. 96). Existindo, estando no mundo, somos intrinsecamente afetados pelo mundo que nos é constitutivo – fato que nos possibilita delinear-mos singularmente o nosso existir, as nossas escolhas, no modo como em nossa maior ou menor proximidade nos relacionamos com ele.

O Dasein, tocado pelo sentimento de angústia, é continuamente convocado a confrontar-se com a sua condição de existente. Não tendo no que ou em quem se amparar, a não ser em si mesmo, é convocado a assumir a sua existência. Esse movimento conduz, naturalmente, o Dasein a pensar o seu próprio ser-no-mundo e tudo aquilo que em se mostrando a ele, clama compreensão, sentido.

A temporalidade kairológica do Dasein, contida no pensamento heideggeriano, refere-se ao tempo singularmente vivido pelo homem marcado pela indeterminação frente às suas possibilidades mais próprias de ser no mundo. A temporalidade humana traduzida como *kairós*, instante de decisão, emerge da possibilidade de antecipação do ser-para-a-morte, portanto, de apropriação da condição existencial. O sofrimento humano, sob a ótica desse temporalizar, irrompe em razão da descontinuidade biográfica do sofrente, seja por mudança(s) abrupta(s) na ordem cronológica do seu mundo circundante, seja pela desapropriação de si, predominantemente entregue à impessoalidade. (Evangelista, s/d)

Cuidando de sua existência, temporalizando o seu existir, o Dasein, segundo Heidegger (1927/1996) pode

assumir diferentes modos de ser, ora “sendo si próprio”, ora “não-sendo si próprio” em suas relações com o mundo, com outros entes. Embora ao Dasein lhe seja dada a possibilidade de assumir esses diferentes modos, a depender de seu reconhecimento como “ser-no-mundo”, comumente sucumbe ao impessoal, por ele deixando-se dominar – ocasião em que o sentido de mundo é atribuído por tantos outros que não ele mesmo.

Desse modo, existindo na condição de ser para a morte, sentindo-a, a cada instante, como puro possível, o Dasein assume a si mesmo, providenciando, assim, um modo de existir cujo sentido brota de sua experiência com tudo aquilo que afetando-o e envolvendo-o, ganha outro sentido e significado. O Dasein, assim, culpado por renegar suas possibilidades, desentranha-se angustiadamente de seu si mesmo impessoal, visto que, sabendo-se determinado por um nada, necessita fazer o seu existir.

Conforme Pompéia (2002) o valor maior da condição humana não consiste em sobreviver às intempéries da vida nem tão somente investir na busca de prazer, mas no alcance de sentido. Para o homem, o sentido lhe é constitutivo, estando estabelecido em seu modo de ser no

mundo. O sentido revela-se para ele como mais importante que a própria vida. Acrescenta o autor (2002) que os homens são motivados pelo dizer do sentido que envolve continuamente o seu existir. Destituídos de seu sentido ou ceifados de um dizer que mostre esse sentido, os homens experienciam estados de adoecimento.

Desse modo, o “adoecer humano” parece assumir uma configuração outra, mais pertinente com o modo como experienciamos a realidade circundante, em momentos, expressivamente sentida como destituída de sentido. Tal modo de olhar difere, sobremaneira, das muitas leituras objetivantes acerca do fenômeno em pauta. Segundo Boss e Condrau (1997, p. 29), “[...] qualquer modo de ser-doente só pode ser compreendido a partir do modo de ser-sadio e da constituição fundamental do homem normal, não perturbado, pois todo modo de ser-doente representa um aspecto privativo de determinado modo de ser-são”. Acrescentam (1997): “Todos os modos de ser-doente [...] apresentam uma perturbação da realização do caráter fundamental do ser-humano que é seu ser-livremente-aberto-para-o-mundo que, ao mesmo tempo lhe revela o mundo” (p. 31).

Desse modo, os referidos autores (1997) sugerem que as patologias orgânicas e/ou psíquicas constituem-se,

necessariamente, a partir do impertinente modo como, em momentos, encontramos situados no mundo, descumpridores de nosso destino ou condição humana, qual seja, o de compreensão do mundo. O “não-entendimento” do mundo circundante demonstra, assim, acarretar a sensação de não-pertinência ao lugar, não envolvimento com a trama significativa que comporta o sentido de mundo.

Uma Redefinição do Sentido de Clínica Psicológica

O que vai caracterizar a clínica, no meu entender, é, antes de mais nada, a submissão do sujeito a um outro que irrompe e se eleva à sua frente, expressando sofrimento, fazendo-lhe exigência, desafiando sua capacidade de atenção e hospedagem, escapando em maior ou menor intensidade ao campo de seus conhecimentos e representações, furtando-se, ao seu domínio, desalojando-o [...] Clinicar é, assim, inclinar-se diante de, dispor-se a aprender-com, mesmo que a meta, a médio prazo, seja aprender-sobre (Figueiredo, 1996, p. 129).

O sentido originário de clínica psicológica, evidente em tal assertiva, causa-nos, a um só tempo, espanto e inquietação, visto que este difere,

sobremaneira, do sentido comumente atribuído por nós, intitulados psicólogos clínicos, atuantes em variados contextos. Para Pompéia (2002) a psicoterapia é equivocadamente pensada à medida que nos matemos presos a ideias de correção, ajustamento de conduta, mudança do que está fora dos padrões sociais vigentes, comumente intitulados como indicativos de doença. O autor (2002) assevera que tradicionalmente a concepção de doença, no âmbito da psicoterapia, está associada a ideia de erro a ser reparado. Assim, equivocados, somos convocados a nos demorar em meio a essa contraditória realidade; noutros termos, a pensá-la meditativamente ao modo do Heidegger (1959) para de lá emergirmos com mais pertinência enquanto profissionais comprometidos com a ação clínica. Para esse pensador (1959) o pensar meditante consiste na possibilidade de acolhermos despretensiosa e silenciosamente o que se mostra ocultando-se em seu tempo.

Ancorada em referenciais teóricos e metodológicos constitutivos das ciências naturais, a referida clínica, pauta-se na noção de homem a-histórico, passível à análise e intervenção, e, sobretudo, submetido a olhares psicologizantes. Assim, adaptada ao modelo biomédico, a clínica psicológica tem se configurado

como o espaço de manifestação do sofrimento psíquico, comumente manipulado e monitorado mediante o uso de determinadas técnicas que visam a garantir o processo de “cura”. Desadaptado, o sujeito que sofre em seu atual modo de ser, torna-se, assim, objeto de um pretensioso fazer clínico, cujo sentido funda-se, sobretudo, na sua desumanização. Ou seja, na medida em que a clínica psicológica insiste em pautar-se nesse paradigma, perde, substancialmente, o seu real sentido de ser: o de cuidar do outro que sofre em seu atual estado de assujeitamento.

Afirma Figueiredo (1992), em seu texto intitulado “Sob o signo da multiplicidade”, que a atividade profissional do psicólogo, consiste, fundamentalmente, em lidar com a alteridade do outro, fato que nos remete ao contato com nossas próprias alteridades. Desse modo, a eficácia de nossa atividade profissional deriva, precisamente, de nossa disposição afetiva, abertura para o inusitado, emergente do nosso contato com outro, condição esta possível, visto a aceitação de nosso imperioso estado de desalojamento, sentido como “não pertencimento a lugar algum”, “sem lugar”, portanto, destituídos de certezas, verdades absolutas. Desalojados,

assumindo-nos como seres de angústia, vulneráveis, passíveis a desilusões, nós, psicólogos clínicos, talvez mais que qualquer outro profissional, enfrentamos, em nosso cotidiano, o desafio maior, qual seja, o compromisso de, a cada vez, em nossa relação com o outro, sustentarmos o estado de afetação que nos envolve, suscitando-nos a ser outro.

O paradigma metafísico reinante nas ciências naturais, quando ajustado ao universo das assim denominadas ciências psicológicas, sugere que adotemos uma posição hegemônica no modo de lidar com o outro, situação esta que prioriza as teorias psicológicas que validam pretensiosos saberes acerca daquele que, tão somente, necessita ser escutado em seu sofrimento. Em nossa incessante tentativa de perscrutarmos o real, que no presente contexto, mostra-se a nós enquanto “sofrimento do outro”, findamos por comprometer a ação clínica.

A atividade profissional do psicólogo requer uma incorporação dos saberes psicológicos às suas habilidades práticas de tal forma que mesmo o conhecimento explícito e exposto como teoria só funciona enquanto conhecimento tácito; o conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e

as estão impregnando numa mescla indissociável; este saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável. (Figueiredo, 1992, p. 91).

O manifestar humano no horizonte da clínica parece, pois, revelar o modo como o outro, envolto num determinado contexto, por ele percebido e sentido à sua maneira, encontra-se fragilizado em seu existir. O mundo que lhe é constitutivo, em momentos experienciado com profundo pesar, parece, assim, surgir como fonte de ameaça ao seu projetar-se – ocasião em que, face à ausência de sentido, demonstra padecer enquanto possível modo de ser.

Esse outro que olha de um determinado lugar, uma vez estando no contexto da clínica psicológica, evoca-nos, a cada momento, a estar com ele, suportando estar lá, ainda que tal situação nos cause extrema angústia face ao desconhecido do nosso próprio ser. O lugar de onde diz o outro indica o seu atual estado de afetação, o modo como coisas e fatos constitutivos desse lugar, portanto, reveladores de si mesmo, comprometem-no mais propriamente em seu estar no mundo.

Noutros termos, competem-nos, talvez, dispor de um horizonte que favoreça a esse outro apropriar-se do dito,

de um dizer inaugural, revelador no modo como singularmente encontra-se situado no mundo – momento que, providenciando, comumente, o re-pensar acerca de si mesmo, amplia a sua perspectiva de ser outro.

Nesse horizonte de compreensão, a clínica psicológica revela, a um só tempo, a angustiante experiência de ausência e busca de sentido da vida. Sendo da ordem do inusitado, do imprevisível, esse outro que se nos mostra em seu sofrimento, é mais e mais convocado a dizer de si em seu transitar entre os pólos da familiaridade cotidiana e do inédito que, a cada instante ameaça irromper.

Nesse contexto, encontrar sentido para clinicar exige-nos, sobretudo, disposição e coragem para “partirmos”, deixarmos o “ninho”⁵, o mundo que nos é dado, simplesmente introjetado como verdade inquestionável, a falsa morada que providencia a nossa desumanidade, tornando-nos apenas mais um em meio a tantos outros no mundo. Constituir-se humano implica, assim, na incessante luta pela busca de sentido do mundo mediante as nossas experiências. Nesse ínterim, metaforicamente afirma Serres (1991):

Nenhum aprendizado dispensa a viagem. [...] Parte, sai. Sai do ventre de tua mãe, do berço, da sombra oferecida pela casa do pai e pelas paisagens juvenis. Ao vento, sob a chuva: do lado de fora faltam abrigos. Tuas idéias iniciais só repetem palavras antigas (p. 15).

“Partir”, nesse sentido, não significa deixar o mundo, as experiências vividas, pois estas, uma vez “tatuadas”⁶, expressas em nosso corpo, constituem a nossa subjetividade. Somos a nossa história, o mundo vivido num presente que, prazerosa e/ou pesarosamente, acolhe um passado que, em momentos, parece paralisar-nos, e, noutros, instiga-nos em busca de sentidos de ser, lançando-nos no ininterrupto movimento do existir humano. “No entanto, nenhum acontecimento esculpiu meu corpo com maiores conseqüências, ninguém decidiu por mim mais revolucionariamente o sentido” (Serres, 1991, p. 9). “Partir” significa, tão somente, a situação na qual, uma vez encontrando-nos desalojados em nosso atual modo de ser no mundo, “deixamos a margem”⁷, a nossa cotidianidade expressa em forma de hábitos, e seguimos em

⁵ Termo utilizado por Serres (1991).

⁶ Idem, ibidem.

⁷ Idem, ibidem.

direção ao desconhecido, ao inusitado de nós mesmos que se nos mostra ao vermos o aflorar de novos mundos.

Afirma o autor (1991) que toda evolução e aprendizado humanos pressupõem a passagem pelo “lugar mestiço”, entendido como o horizonte que favorece o entrelaçamento das muitas experiências reveladoras do existir humano em seus possíveis modos de ser. Na condição de cuidadores, atuantes no contexto da clínica psicológica, talvez precisemos, sobretudo, oferecer o efetivar dessa passagem, de modo a que o outro, uma vez estando plenamente exposto ao universo das contradições e incertezas que marcam os diferentes mundos experienciados – reconstrua o seu existir, situando-se no mundo de uma outra forma que não mais aquela, geradora de extremo pesar, sofrimento, ausência de sentido.

Aquele que na condição de desalojado, antes reduzido a um predominante modo de ser, portanto, ensimesmado, preso em seu anonimato a um falso eu referendado por tantos outros “eus”, também anônimos, esse outro que se dispôs a passar pelo “lugar mestiço”, agora múltiplo, “sem-lugar”, vê-se seduzido a percorrer o mundo que, tão somente, instiga-o a assumir tantos outros modos de ser. Nesse movimento, reconhece-se, agora, múltiplo em sua singularidade,

“corpo completado”⁸, pleno, vigoroso, presença viva no mundo.

Saído do repouso, não mais se abandona: aberto a qualquer eventualidade. [...] Cuida então de apagar todas as forças que faziam de si um estátua colocada [...] deixa suas preferências e determinações, abandona suas pertinências e tanto melhor o faz se muitas vezes atravessou o velho rio branco. Ei-lo corpo completado (Serres, 1991, p. 33).

Desse modo, talvez possamos pensar que o sentido originário de clínica psicológica, configurado como o espaço de onde emergem novas aprendizagens, consiste, fundamentalmente, em propiciar àquele que sofre em seu ensimesmamento, em sua estreiteza, a “abertura” necessária de acesso ao “lugar mestiço”, horizonte onde se dá o “alargamento” da subjetividade, esta decorrente do vivenciar de novas e significativas experiências doadoras de sentido de mundo.

Reflexões Possíveis

A clínica psicológica entendida como clínica do sofrimento humano, fenômeno experienciado por cada um, quer

⁸ Idem, ibidem.

nos encontremos na condição de psicoterapeuta ou de cliente, revela, assim, o movimento característico do próprio existir humano como destinação, portanto, como horizonte revelador de perda e constituição de sentido. Sentido que, a cada momento, clama ser acolhido mediante a palavra – palavra reveladora do imbrincamento do homem com o mundo, mundo experienciado por aquele que, em se mostrando em seu peculiar modo de existir, diz de si.

Recorrendo à interpretação heideggeriana do sentido originário de *logos*, como nos sugere Rocha (apud Oliveira, 2004), a escuta que efetivamente encaminha sentido, parece, assim, exigir de nós, ouvintes, um pertencimento ao que nos sendo dirigido por nossos clientes, clama ser cuidado, aclarado, nomeado em seu atual modo de ser, de mostrar-se. A aceção desse escutar, traduz-se num ininterrupto movimento de pertencimento/não pertencimento ao ser, sugerindo-nos, portanto, que em nossa familiaridade com o mundo, em nosso experienciar imediato, acolhamos o estranho, o mistério que, perpassando o existir, clama ser dito em sua inescotabilidade.

Desse modo, entendemos que a clínica psicológica, uma vez à disposição

do humano que em se dizendo em seu sofrimento clama ser cuidado, desvela sentido através das palavras que comunicam significado. À espreita deste, interessa-nos acolher o enigma, o não-dito, o que não sendo expressamente dito, dá-nos a pensar, o sentido emergente.

Desiludidos com a clínica psicológica, envoltos em inverdades e incertezas, sobretudo, acerca de nós mesmos, estamos, tão somente, a apontar a expressiva necessidade de realizarmos um significativo movimento, a ser feito solitário e singularmente por cada um de nós, que, comprometidos com o outro, vislumbramos redimensionar o sentido de tal contexto, a partir de nossas próprias experiências – árduas experiências a serem compartilhadas e significadas por aqueles que se mantêm fiéis à ação clínica em psicologia. Em outras palavras, significa pensar que, talvez, possamos teorizar uma clínica psicológica que se constitua em se experienciando, como nos sugere Luís Cláudio Figueiredo, em seus escritos.

Finalizando, convém ressaltar que esse escrito pretendeu lançar um olhar outro sob o contexto da clínica psicológica, e, num sentido mais amplo, reavaliar o nosso fazer de ofício, apontando, tão somente, um caminho outro. Caminho possível em busca de sentido, sentido,

experienciado por aquele que se disponha a percorrê-lo autenticamente, pondo-se não apenas a refletir com o cliente o sofrimento por ele vivido em meio às adversidades que margeiam o mundo contemporâneo, mas encaminhar sentidos de ser. Caminho

que experienciado em sua inevitável indefinição, em momento algum nos garantirá o pleno asseguramento do mundo que nos habita misteriosamente.

Referências

- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Birman, J. (2000). *O mal-estar na atualidade*. São Paulo: Civilização Brasileira.
- Boss, M. (1997). Encontro com Boss. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse* – nº 1, 2 e 4.
- Boss, M. e Condrau, G. (1997). Análise existencial – Daseinsanalyse. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse* – nº 1, 2 e 4.
- Capra, F. (1999). *O ponto de mutação*. 2ª edição. São Paulo: Cultrix.
- Evangelista, P. (n/d). *Temporalidade kairológica do Dasein e Plantão Psicológico*. (mimeo)
- Figueiredo, L. C. (1992). Sob o signo da multiplicidade. *Cadernos de Subjetividade. Centro de Pesquisa da Subjetividade*. PUC/SP, 1, p. 89-95.
- Figueiredo, L. C. (1996). *Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. 2ª edição. São Paulo: Vozes.
- Heidegger, M. (1996). *Ser e tempo – parte II (4ª edição)*. Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1927)
- Heidegger, M. (1959). *Serenidade*. Tradução Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget.

Oliveira, A. M. (org.) (2004). *Razão nos trópicos: festschrift, em homenagem a Paulo Menezes no seu 80º aniversário*. Recife: FASA.

Pompéia, J. (2002). *A clínica na perspectiva fenomenológica existencial*. Colóquio realizado no Laboratório de Estudos e Práticas em Psicologia Fenomenológica Existencial do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Prigogine, I. (1996). *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Serres, M. (1991). *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

As autoras:

Celina Maria Aragão Ximenes é Psicóloga Clínica. Docente e supervisora de estágio do curso de psicologia da Faculdade Pio Décimo (Aracaju-SE). Especialista em psicoterapia fenomenológica existencial (PUC_MG). Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Membro do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial da UNICAP_LACLIFE. Av. Ministro Geraldo Barreto Sobral, 2021/202 Jardins Aracaju-SE CEP 49026-010

Henriette Tognetti Penha Morato é Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP). Professor Doutor da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado na Universidade Paris 7 entre 2005 e 2006, com pesquisa realizada na Universidade de Firenze. Coordenadora do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro do GT ANPEPP "Práticas psicológicas em Instituições" e líder do Grupo de Pesquisa no Diretório CNPq "Aprendizagem Significativa na formação de profissionais de saúde e educação". Bolsa CNPq: PQ-2 - Vigência: 2011 a 2014; 2014 a 2017. E-mail: hmorato@usp.br